

O ESTATUTO SIMBÓLICO DAS ESTEREOTIPIAS MOTORAS: REFLEXÕES NO QUADRO DO AUTISMO

Ádelly Kalyne da Silva Oliveira ¹
Renata Fonseca Lima da Fonte ²

RESUMO

As estereotipias motoras estão presentes em muitos sujeitos diagnosticados com o Transtorno do Espectro Autista (TEA) e são vistas tradicionalmente pela perspectiva clínica como segmentos sem estatuto de linguagem e sem sentido aparente. Com este trabalho, intencionamos analisar o teor simbólico das estereotipias motoras em uma criança autista em processo de aquisição da linguagem. Especificamente, a partir do estudo, objetivamos verificar e descrever a relação entre estereotipias motoras e produção vocal em contextos interativos. A pesquisa é um estudo de caso de natureza qualitativa de uma criança autista, do sexo feminino. A coleta de dados foi realizada através de fragmentos audiovisuais registrados no banco de dados do Grupo de Estudos e Acolhimento ao Espectro Autista– GEAUT/UNICAP do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem (PPGCL) da Universidade Católica de Pernambuco. Respaldamo-nos teoricamente nos trabalhos de McNeill (1992, 2000), Cavalcante (2018) e dentre outros, uma vez que os gestos podem apresentar função comunicativa e serem considerados como elementos de cunho enunciativo. Nesse sentido, as estereotipias podem assumir esse papel conforme propõem Barros e Fonte (2016) e Fonte e Barros (2019). Constatamos que a criança autista realizou estereotipias motoras em diversificados contextos enunciativos, com ausência ou ocorrência de produção vocal. Os movimentos gestuais funcionaram simbolicamente como um gesto primitivo integrado ao processo de aquisição da linguagem e, conseqüentemente, às dinâmicas de interação. Assim, excederam os limites da perspectiva clínica, atuando como segmentos de sentido e interação no quadro específico do autismo.

Palavras-chave: Multimodalidade, Autismo, Estereotipias motoras, Gestos.

INTRODUÇÃO

Os estudos que envolvem os movimentos gestuais vêm avançando. Todavia, as pesquisas mostram a necessidade de trabalhos que contemplem a relação entre gestos e crianças com alterações de linguagem no processo de aquisição linguística. A partir da perspectiva multimodal, visamos analisar as estereotipias motoras de uma criança autista e verificar e

¹ Graduanda do Curso de Letras da Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP, adellykalyne@gmail.com;

² Professora orientadora: Doutora em Linguística (UFPB, 2011), pesquisadora do Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP, renata.fonte@unicap.br.

descrever a relação entre estereotípias motoras e produção vocal em cenas interativas. Partimos da concepção de que a criança autista é produtora de linguagem, mesmo diante de um distúrbio que compromete os traços comportamentais, a interação e as habilidades sociocognitivas. Desenvolvemos a presente pesquisa com base nos trabalhos de Barros e Fonte (2016), Cavalcante (2018), Fonte e Barros (2019), Kendon (2009, 2017), McNeill (1992, 2000) e nos estudos de outros autores respaldados na perspectiva multimodal. O trabalho é uma pesquisa qualitativa, do tipo estudo de caso. Os dados foram coletados de vídeos, em contextos lúdicos e interativos, registrados no banco de dados do Grupo de Estudos e Acolhimento ao Espectro Autista- GEAUT/UNICAP, do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem (PPGCL) da Universidade Católica de Pernambuco.

Há pouco tempo, no campo da Linguística Contemporânea, recentes reflexões têm contemplado os estudos gestuais na aquisição da linguagem; pode o gesto ser compreendido como linguagem assim como as complexas produções vocais? Especificamente, no quadro do autismo, podem as estereotípias motoras serem consideradas como gestos simbólicos e se articularem a outros elementos semióticos? Através deste trabalho, buscamos discutir brevemente as referidas questões e sinalizar que os estudos que tangem à gestualidade configuram-se como uma importante vertente nas pesquisas sobre a língua(gem).

Kendon (2017), em um dos seus trabalhos, evidencia que nós, seres humanos, nascemos para interação e comunicação, neurologicamente e anatomicamente somos especializados para a produção e recepção da fala. Nessa perspectiva, o autor aponta para a importância de considerar a fala em articulação com os segmentos gestuais em qualquer teoria da linguagem, ressaltando que a linguagem e os diferentes recursos multimodais que a compõem criam um sistema de abstração, cuja função é de referenciar segmentos reais e não reais. Cavalcante *et al.* (2016) sinalizam que podemos observar a multimodalidade desde o início das trocas interativas das crianças com seus respectivos interlocutores.

Conforme Barros e Fonte (2016), os primeiros registros sobre o autismo surgiram no final da década de 1930 e no início da década de 1940. Nesse período, Andrade, Faria e Filho (2018) destacam a figura exponencial do psiquiatra intitulado Leo Kanner. Consoante os autores, no ano de 1943, em pesquisa realizada nos Estados Unidos com crianças autistas entre dois e onze anos, Kanner observou traços comuns entre os sujeitos: dificuldade em estabelecer contato e relação interpessoal, alterações na linguagem, no comportamento e movimentos repetitivos e sem sentido no plano corporal, estereotípias motoras.

Assim sendo, desde os trabalhos desenvolvidos por Kanner, a partir da perspectiva clínica, tradicional e manuais diagnósticos, os sujeitos autistas vêm, comumente, sendo

considerados como sujeitos desprovidos de linguagem, que apresentam olhar vago sem intenção de uso. Distanciando-se, portanto, dessa concepção optamos por conceber as estereotipias motoras como gestos primitivos, elementos de ordem simbólica, uma forma alternativa de interação e comunicação da criança autista, conforme defendem os estudos de Barros e Fonte (2016) e Fonte e Barros (2019).

No que se refere aos estudos sobre os gestos, McNeill (2002) afirma que a palavra gesto abarca uma multiplicidade de movimentos gestuais e não somente aqueles restritos às mãos e braços. Com isso, o autor acrescenta que gesto e fala são melhores compreendidos quando pensados de forma articulada, ambos fazendo parte de uma mesma matriz da linguagem. Assim sendo, podemos perceber que com o surgimento da fala na trajetória linguística infantil o gesto não a substitui nem deixa de fazer parte do sistema linguístico (KENDON, 2009). Nesse sentido, na matriz multimodal, as ações gestuais e as produções vocais são indissociáveis e partilham um estatuto psicolinguístico conforme defendem Kendon (2000, 2017), McNeill (1992, 2000), Butcher; Goldin-Meadow (2000), Fonte *et al.* (2014), Fonte e Cavalcante (2016), Cavalcante (2018) e entre outros.

Classicamente, na literatura, há uma variedade de nomenclaturas para caracterizar as ações gestuais. Apesar disso, verificamos que no quadro específico do autismo as estereotipias motoras, em muitos trabalhos, não são consideradas como linguagem, atos comunicativos, via de expressão, gestos.

Em referência à pesquisa de Kendon (1982), por exemplo, observamos que o autor propõe a sistematização das produções gestuais através de uma tipologia própria com cinco tipos: gesticulação, gestos preenchedores, emblemas, pantomimas e os sinais. O pesquisador categoriza os movimentos gestuais baseando-se em quatro contínuos para perceber o funcionamento do gesto com a fala: (contínuo 1) gesto-fala; (contínuo 2) gesto-propriedades linguísticas; (contínuo 3) gesto-convenções e, por fim, (contínuo 4) gesto-caráter semiótico. Tomando como base o trabalho do autor e ampliando o contínuo, podemos perceber que urge a necessidade de expandir as reflexões sobre as estereotipias motoras, que fazem parte do diagnóstico de muitos sujeitos com o Transtorno do Espectro Autista (TEA).

Assim, considerando o contínuo tipológico da relação de gestos com a fala (Kendon, 1982), poderemos observar que as estereotipias motoras podem partilhar características do contínuo supracitado e podem ser marcadas como um caminho expressivo. Com base nas produções estereotipadas, atestamos que elas podem ocorrer na presença opcional das vocalizações, como verificaremos nos dados apresentados do trabalho. No que se refere ao contínuo gesto-propriedades linguísticas, verificamos que nos referidos gestos há a ausência de

propriedades linguísticas, pois eles não apresentam significações morfológicas, sintáticas ou fonéticas, por exemplo. Nesse sentido, como as produções estereotipadas não são determinadas pela cultura, não são convencionais. Consideramos, portanto, tais ações gestuais como artefatos específicos, individuais, simbólicos.

Quanto ao caráter semiótico das ações estereotipadas, optamos por concebê-las como segmentos globais e sintéticos, pois têm o sentido produzido pelo conjunto e não pelas partes; isso significa dizer que as estereotípias não são dependentes de um movimento particular ou de uma configuração própria para ocorrência. Assim, são consideradas como elementos sintéticos, porquanto podem apresentar caráter metafórico e acontecem em contextos específicos.

Diante disso, por conseguinte, podemos constatar que as estereotípias motoras podem ser tidas como produções gestuais providas de sentido e significado a partir da perspectiva multimodal da linguagem e podem também servir como um segmento essencial para abrir ou fechar o canal de interação entre a criança autista e seus respectivos interlocutores.

METODOLOGIA

Para desenvolver uma análise multimodal, selecionamos para a pesquisa registros audiovisuais registrados no banco de dados do Grupo de Estudos e Acolhimento ao Espectro Autista- GEAUT/UNICAP, do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem (PPGCL) da Universidade Católica de Pernambuco. O estudo é de cunho qualitativo, do tipo estudo de caso. Este trabalho foi baseado em considerações éticas³. Para conservar, portanto, a identidade dos sujeitos envolvidos nos fragmentos analisados adotamos nomes fictícios para os participantes das cenas interativas.

Os fragmentos selecionados para a análise são referentes às situações naturalísticas entre os participantes dos contextos de interação do grupo. Para transcrição dos excertos, utilizamos o software *Elan*, sigla para Eudico Linguistic Annotator. Através do software, é possível realizar a descrição de diferentes recursos semióticos no tempo exato de ocorrência.

Nos dados, a criança que será o foco das investigações é do sexo feminino e intitula-se, ficcionalmente, como Lara. No grupo, Lara era uma criança que apresentava interesse por atividades de pintura e comportamento retraído, tímido.

³ O trabalho está vinculado ao projeto de pesquisa “Aquisição e desvios de linguagem na perspectiva multimodal” com número do CAAE 30037020.4.0000.5206, sendo resultante do trabalho de Iniciação Científica “Levantamento Gestual de Crianças Autistas no Processo de Aquisição da Linguagem” da Universidade Católica de Pernambuco (Unicap); financiado pela mesma instituição.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta seção do trabalho, com o propósito de desvendar os nossos questionamentos, que suscitaram a presente pesquisa contemplaremos dois fragmentos em que estão em evidência as produções estereotipadas da criança autista Lara.

Fragmento de análise I

Contexto: Lara está em atividade de pintura. De repente, ela tem interesse em obter água para limpar o pincel. Júlio (estagiário do curso de Letras), que estava sentado ao lado de Lara interage com a criança.

	Tempo inicial/ Tempo final	Plano vocal	Plano gestual	Plano do olhar
Júlio	00:03:54.860/ 00:03:55.785 00:03:55.547/ 00:03:56.874	“Água? Tá aqui ó.”	Empurra para Lara um pote com água suja de tinta.	Não visível.
Lara	00:03:57.490/ 00:04:00.325 00:04:00.325/ 00:04:00.939 00:04:00.848/ 00:04:02.590	Sem produção vocal.	Levanta-se da mesa e direciona-se à porta. Realiza movimento de balanceio com o copo plástico na mão. (Estereotipias motoras)	Olhar para Júlio, em seguida, para a mesa. Rotaciona o olhar. Olhar em direção à porta.

A partir da transcrição da cena, verificamos que, no fragmento, a criança não articula as estereotipias motoras com a produção vocal. No entanto, utiliza-as simbolicamente como elementos de realce no plano interativo para demonstrar a intenção de ter seu desejo atendido e a negação da oferta emitida por Júlio. Diante disso, podemos, então, constatar o que propõem Abner; Cooperrider e Goldin-Meadow (2015), uma vez que o gesto, muitas vezes, pode revelar os pensamentos do falante; àqueles que não são transpostos para a modalidade oral.

Nesse excerto, observamos que mesmo a criança não fazendo uso de vocalizações; ela marca seu lugar na linguagem através do olhar, do movimento corporal e das estereotipias motoras. O movimento de levantar-se da mesa e ir em direção à porta configura-se como um componente multimodal que suscita o sentido de negação dentro do contexto; isso corrobora com os dados de outras crianças autistas observados nos estudos de Barros e Fonte (2016) e

Fonte e Barros (2019). As ações estereotipadas, repetitivas, de balanceio com o copo plástico na mão funcionaram como elementos linguísticos, segmentos que enfatizaram o desejo de Lara de ter uma água limpa para limpar o pincel que fazia uso.

Para Ávila-Nóbrega (2018), é através das relações interativas, socioculturais, dialógicas que o sujeito se constitui discursivamente. Nesse sentido, percebemos que não é diferente com os sujeitos que possuem desvios de linguagem, os dados apresentados sinalizam que a criança autista assimilou uma voz social e posicionou opiniões a partir da utilização de recursos linguísticos atípicos. Assim sendo, acreditamos que as estereotípias podem ser caracterizadas como manifestações simbólicas singulares integradas ao processo de aquisição da linguagem.

Fragmento de análise II

Contexto: Fabiana (estudante do curso de Letras) e Iara (pesquisadora do PPGCL) estavam interagindo com Lara (criança autista) e com outra criança autista em atividade colaborativa; estavam brincando com uma tartaruga de brinquedo através de peças de encaixe. Após um momento, Lara levanta-se da cadeira na qual estava sentada e aproxima-se da mesa, afastando-se do grupo.

	Tempo inicial/ Tempo final	Plano vocal	Plano gestual	Plano do olhar
Fabiana	00:05:24.170/ 00:05:25.076	“Ó, vem, La.”	Não visível.	Não visível.
Lara	00:05:25.250/ 00:05:25.623 00:05:25.735/ 00:05:26.803 00:05:25.882/ 00:05:26.773 00:05:26.035/ 00:05:26.405	“Cadê?”	Movimento de meio giro com o tronco e com a cabeça. Faz movimento braçal em direção ao chão.	Olhar voltado para frente, em seguida, direciona o olhar para Iara e Fabiana. Desvia o olhar.
Iara	00:05:26.602/ 00:05:27.056	“Vem!”	Não visível.	Não visível.
Fabiana	00:05:27.201/ 00:05:28.082	“Aqui, ó.”	Não visível.	Não visível.

Lara	00:05:27.435/ 00:05:29.346	“i adjinha caxar não”		Direciona o olhar para Iara e Fabiana.
	00:05:27.952/ 00:05:29.424			Desvia o olhar novamente.
	00:05:28.090/ 00:05:29.328		Realiza, repetidamente, movimento com braço esticado em direção ao chão. (Estereotípias motoras)	

No fragmento em evidência, podemos perceber o modo particular da criança autista tomar partida enunciativamente. Os movimentos corporais, as vocalizações, as estereotípias, o contato visual foram utilizados para comunicar um sentimento, uma ideia compreendida pela criança. Através do excerto, verifica-se a multiplicidade de artefatos linguísticos que Lara revela expressivamente para indicar a existência de uma forma dialógica especial. A criança utiliza-se da produção vocal “i adjinha caxar não” em associação com as estereotípias motoras e os olhares para afirmar o espaço e a intenção de brincar com outro brinquedo. Nesse sentido, podemos inferir que a produção vocal manifestada pela criança pode ser interpretada como: “Eu não quero brincar com peças de encaixar não”.

Dessa maneira, reconhecemos as contribuições dos movimentos corporais emitidos pela criança, uma vez que se pode verificar, além da modalidade oral, que o ato de se afastar de um grupo e os desvios de olhares, por exemplo, podem se constituir como ações visíveis, enunciativas de negação. Barros e Fonte (2016), assim, salientam que não há um modo certo ou errado de colocar-se no plano da linguagem, é necessário estar atento às diferentes modalidades interativas.

Consoante Fonte e Cavalcante (2018), há uma tendência na literatura em negar as estereotípias motoras como iniciativas de linguagem de crianças autistas. No entanto, sinalizamos no estudo que a criança autista é produtora de linguagem e desdobra-se linguisticamente nas interações a partir da linguagem oral, gestual, movimentos corporais e do olhar. Nessa perspectiva, ainda em relação aos gestos, deflagramos que a criança produziu repetidamente o movimento braçal com o sentido de enfatizar a negação. Assim sendo, é interessante salientar que os gestos estereotipados se diferenciam daqueles encontrados em crianças com desenvolvimento típico, no entanto, eles também podem ser considerados como segmentos fundamentais nos espaços interativos entre criança autista e interlocutor(es). Nessa

perspectiva, é de suma importância que nós, interlocutores, estejamos sensíveis a conceber as diferentes pistas multimodais produzidas nas interações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, apresentamos breves reflexões sobre o estatuto linguístico das estereotípias motoras e a relação com as produções vocais, quando presentes, da criança autista Lara, com base na abordagem multimodal; constatamos que a criança fez uso de estereotípias na ausência e na presença de vocalizações. Através da pesquisa, tivemos o intuito de mostrar, em contrapartida à perspectiva clínica e tradicional, que as produções estereotipadas de crianças com alterações de linguagem apresentam caráter simbólico e enunciativo.

Nos dados, as ações estereotipadas, em articulação com outros modos semióticos, expressaram a ideia de negação e ênfase do discurso oral. Com isso em vista, é de suma importância que tais movimentos gestuais sejam considerados como gestos significativos no processo de aquisição da linguagem de crianças atípicas. Como constatamos nos dados, a criança fez uso de diferentes instâncias multimodais; além de desempenhar papéis comunicativos os diferentes recursos linguísticos utilizados mostram, cada vez mais, a necessidade de estudar e considerar essa importante área de trabalho no campo da Linguística.

REFERÊNCIAS

ABNER, N.; COOPERRIDER, K.; GOLDIN-MEADOW, S. Gesture for Linguists: A Handy Primer. **Language and Linguistics Compass**, v. 9, n. 11, p. 437-449, 2015.

ANDRADE, C.; FARIA, E.; FILHO, J. Atenção conjunta e multimodalidade na criança autista: um estudo de caso. In: ÁVILA-NÓBREGA, P. V. (Org.). **Nuances da linguagem em uso**. Campina Grande: EDUEPB, 2018. p. 135-157. Disponível em: <http://www.uepb.edu.br/editora-da-universidade-estadual-da-paraiba-lanca-livro-digital-nuances-da-linguagem-em-uso/>. Acesso em: 20 out. 2020.

ÁVILA-NÓBREGA, P. V. A construção de uma proposta dialógica e multimodal de língua. In: ÁVILA-NÓBREGA, P. V. (Org.). **O estudo do envelope multimodal como uma contribuição para a aquisição da linguagem**. Curitiba: Appris, 2018. p. 31-74.

BARROS, I.; FONTE, R. Estereotipias motoras e linguagem: aspectos multimodais da negação no autismo. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 16, n. 4, p. 745-763, 2016.

BUTCHER, C.; GOLDIN-MEADOW, S. Gesture and the transition from one-to two-word speech: when hand and mouth come together. In: MCNEILL, D. (Ed.) **Language and Gesture**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000. p. 235-258.

CAVALCANTE, M. *et al.* Sincronia gesto-fala na emergência da fluência infantil. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 45, n.2, p. 411-426, 2016.

CAVALCANTE, M. Contribuições dos estudos gestuais para as pesquisas em aquisição da linguagem. **Linguagem & Ensino**, Pelotas, v. 21, n. esp., p. 5-35, 2018.

FONTE, R. *et al.* A matriz gesto-fala na aquisição da linguagem: algumas reflexões. In: RÊGO BARROS, I. *et al.* (Org.). **Aquisição, desvios e práticas de linguagem**. Curitiba: Editora CRV, 2014. p. 11-26.

FONTE, R.; CAVALCANTE, M. Abordagem multimodal da linguagem: contribuições à clínica fonoaudiológica. In: MONTENEGRO, A. C.; RÊGO BARROS, I.; AZEVEDO, N. (Org.). **Fonoaudiologia e Linguística: teoria e prática**. Curitiba: Appris, 2016. p. 205-225.

FONTE, R.; CAVALCANTE, M. Gestos dêiticos e atenção conjunta nas especificidades do autismo: uma abordagem multimodal. In: ÁVILA-NÓBREGA, P. V. (Org.). **Nuances da linguagem em uso**. Campina Grande: EDUEPB, 2018. p. 259-299. Disponível em: <http://www.uepb.edu.br/editora-da-universidade-estadual-da-paraiba-lanca-livro-digital-nuances-da-linguagem-em-uso/>. Acesso em: 15 out. 2020.

FONTE, R.; BARROS, I. Estereotipias motoras no funcionamento multimodal da linguagem: discussões no campo do autismo. **Estudos da Língua(gem)**, v. 17, n. 1, p. 127-140, 2019.

KENDON, A. **The Study of Gesture**: Some Remarks on its History. *Recherches sémiotiques/semiotic inquiry*, v. 2, p. 45-62, 1982.

KENDON, A. Language and gesture: unity or duality? In: MCNEILL, D. (Ed.) **Language and**

Gesture, Cambridge: Cambridge University Press, 2000. p. 47-63.

KENDON, A. Language's matrix. **Gesture**, v. 9, n. 3, p. 355–372, 2009.

KENDON, A. Reflections on the “gesture-first” hypothesis of language origins. **Psychonomic Bulletin & Review**, v. 24, n. 1, p. 163-170, 2017. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC5325861/>. Acesso em: 03 out. 2020.

MCNEILL, D. **Hand and Mind**: What Gestures Reveal About Thought. Chicago, IL: University of Chicago Press, 1992. 423p.

MCNEILL, D. Introduction. In: MCNEILL, D. (Ed.). **Language and Gesture**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000. p. 1-10.

MCNEILL, D. Gesture and Language Dialect. **Acta Linguistica Hafniensia**, v. 34, n. 1, p. 7-37, 2002.

